



EVIDENCIANDO O SENSO COMUM COM A RELAÇÃO DE DUAS TEORIAS: REPRESENTAÇÃO SOCIAL E RELAÇÃO COM O SABER

Carlineide Justina da Silva Almeida
Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Bolsista Capes. E-mail:
carlaalmeida_rn@hotmail.com

Orientadora: Elda Silva do Nascimento Melo(UFRN)

Profª Dra. Do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) .E-mail:
eldasnmelo@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A discussão que envolve as vertentes teóricas de pesquisa no contexto das ciências Humanas, tem se constituído sobre um paradigma que envolve reflexões e críticas por parte de alguns pesquisadores que discutem sobre as perspectivas e os conceitos que melhor identificam e sustentam os elementos de seus trabalhos. No entanto, esses embates teóricos suscitam ainda nos pesquisadores uma busca para adotar determinada vertente de pesquisa para embasar suas teorias e análises.

Nessa direção, este trabalho objetiva construir uma linha de pensamento sobre a correlação entre duas teorias constituídas em distintas épocas mas que tem como foco o conhecimento do senso comum. Portanto, envolverá uma discussão sobre a Teoria das Representações Sociais proposta por Moscovici (1976) e a Teoria da Relação Com o Saber, elaborada por Charlot (2000).



REPRESENTAÇÃO SOCIAL, RELAÇÃO COM O SABER E SENSO COMUM: O PERCURSO METODOLÓGICO

Como já foi mencionado anteriormente, o presente trabalho tem por finalidade identificar as relações existentes entre as estruturas de análises da Teoria das Representações Sociais e da Relação com o Saber, partindo da perspectiva de superação da dicotomização entre Ciência e Senso Comum. Ambas as teorias buscam evidenciar que os indivíduos utilizam para construir seu conhecimento acerca da realidade elementos tais como opiniões, valores e atitudes que lhes são partilhadas socialmente e levam a construção de relações e imagens, valorizando e desconstruindo os ideários que permeiam e/ou tornam a ciência mais importante que o senso comum.

Para essa investigação utilizamos a revisão bibliográfica fundamentada especialmente em Charlot (2000) e Moscovici (1976) e, na dimensão empírica utilizamos, a pesquisa Qualitativa de cunho Bibliográfico. A pesquisa qualitativa investiga fenômenos humanos e se caracteriza por descrever e analisar a criação e de significados a coisas e pessoas. Nesse tipo de pesquisa, o pesquisador não pode adiantar comentários, sua intenção será compreender de forma global os fenômenos (PIVELLI, 2006).

REPRESENTAÇÃO SOCIAL E RELAÇÃO COM O SABER: AS CORRELAÇÕES TEÓRICAS

O conceito de representação social (RS) foi elaborado por Serge Moscovici (1976), a partir do conceito de representações coletivas de Émile Durkheim (2001). A principal diferença entre os dois conceitos se justifica



porque, para Moscovici, ao contrário do que pensava Durkheim, as representações não são elaboradas coletivamente nem são homogêneas, elas são sociais, pois são construídas pelos indivíduos de maneira heterogênea, e que cada sujeito partilha de uma mesma ideia de maneira diferente, podendo transformar suas concepções quando julgar necessário. Desse modo, podemos dizer, com Moscovici, que as RS são consideradas como um conjunto de ideias, informações, atitudes e imagens que contribui para a formação da conduta dos grupos e de seus indivíduos em relação à sociedade, através das contribuições que os meios de comunicações também lhes oferecem.

O conceito de Representação Social foi posteriormente estudado e ampliado por Abric (2001, p. 156), que de acordo com sua concepção torna-se: “um conjunto organizado de opiniões, de atitudes, de crenças e de informações referentes a um objeto ou a uma situação”, o qual é formulado pelos sujeitos de um dado contexto, visando transformar o que há de desconhecido nesse objeto ou situação em algo familiar a seu universo de relações.

Contudo, uma das funções que efetivam o processo de construção e partilha das representações sociais, é a formação de conduta do sujeito. Essa formação de conduta diz respeito exatamente a relação que o indivíduo precisa manter com o saber. Desse modo, Charlot (2000), afirma que a aprendizagem sobre qualquer objeto de conhecimento é uma atividade sempre situada, espacial e historicamente, que não possui uma configuração única, pois são vários os tipos de aprendizagem que o indivíduo encontra no mundo. Esses vários tipos de aprendizagem são chamados pelo autor de *figuras do aprender*, e é por meio delas que o homem se apropria do mundo e, constrói suas representações.

Tais figuras tomam a forma de objetos, atividades e/ou dispositivos relacionais que vão constituindo o sujeito e estão sempre associadas aos processos de natureza epistêmica que compõem a sua relação com o saber.



Desse modo, existem três processos epistêmicos: o primeiro, segundo Charlot (2000), é o de **objetivação-denominação**, um movimento que ao mesmo tempo constitui um saber-objeto e um sujeito consciente de sua apropriação acerca desse saber, e é através desse saber que o sujeito constitui suas opiniões, compartilha suas ideias e constrói a representação desse conjunto de elementos que permeia o seu entorno, ou seja, sua realidade.

O segundo processo diagnosticado por Charlot (2000) em relação a episteme do sujeito, é o de **imbricação do eu na situação**, no qual a aprendizagem representa o domínio de uma atividade “engajada” no mundo. Contudo, constata-se que esse elemento apresenta plena relação com RS, pois o indivíduo não constroem suas Representações Sociais sem referentes, os mesmos necessitam direcionar em suas mentes os elementos de ligação que se transformam em pilares de suas novas representações. Por último, a teoria da Relação com o Saber nos convida a pensar no processo de **distanciação-regulação** em que o sujeito aprende a dominar uma relação e a regular a distância entre ele e os outros, e si mesmo, construindo reflexivamente uma **imagem de si**, a partir de suas emoções frente ao mundo e ao outro, no momento da entrada no aprender. Uma vez erguida, a imagem representa não somente os reflexos do indivíduo, sua conduta, suas opiniões e atitudes mas, especialmente, a do grupo, uma vez que as RS são construídas coletivamente.

Outra função que as RS assumem, é a orientação das comunicações sociais que abrangem e permitem uma interação e uma construção dos processos simbólicos e ideológicos, já que o indivíduo tem papel ativo e autônomo no processo de construção da sociedade, da mesma forma que é criado por ela, pois ele também tem participação na sua construção. Além das funções acima citadas, destacamos ainda que Moscovici e Charlot defendem as funções identitária e justificadora. O primeiro afirma que essas funções conduzem o sujeito a interpretar, no interior de seu grupo, imagens positivas e



negativas, bem como compreender as relações por ele vivenciadas e partilhadas, enquanto o segundo segue a mesma linha de pensamento enfatizando que a dimensão identitária da relação com o saber, está sempre delimitada pelo aspecto social em que se encontra o sujeito.

As duas teorias sucintamente apresentadas demonstram em sua estrutura, que o senso comum, embora assuma um status diferenciado, não é menos importante que a ciência. De acordo com Feyerabend (1977), todo o conhecimento é válido, pois contribui para a construção de novos paradigmas, ao progresso de novos saberes. Os cientistas não podem estar presos a padrões rígidos de pesquisa, os mesmos devem se valer de outros princípios que não inibam o progresso científico e o surgimento de outras teorias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscamos refletir sobre as relações estabelecidas entre duas teorias que valorizam o senso comum como objeto de investigação. Diante do exposto, entende-se que as duas teorias se constituem em fortes elementos de correlação no processo de reflexividade da conduta e das imagens que permitem aos grupos construir suas relações com a sociedade.

Portanto, ambas as teorias procuram mostrar através dos seus construtos e suas formas epistemológicas de análise que a ciência e o senso comum se retroalimentam para construção de seu conhecimento. E para justificar esse comentário, Kuhn (1987) apresenta em seus escritos a importância dos paradigmas, que em sua visão se destaca como um conjunto de teorias, representações e compartilhamentos que os próprios cientistas desenvolvem acerca do mundo. A popularização da ciência não pode ser



entendida como banalidade, mas como oportunidades outras de reflexões e compreensão dos conceitos que podem contribuir para pensar a ciência como atividade coletiva que vale-se do senso comum para tornar-se o que de fato é, uma construção ativa de conhecimento.

REFERENCIAS

ABRIC, J. C. **O estudo experimental das representações sociais**. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Trad. Lílian Ulup. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2001. p. 155-171.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Trad. de MAGNE, B. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 200.

FEYERABEND, P. **Contra o método**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977 [Há uma edição mais recente dessa obra, oferecida pela Editora da Unesp, 2007].

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

PIVELLI, S. R. P. **Análise do potencial pedagógico de espaços não-formais de ensino para o desenvolvimento da temática da biodiversidade e sua conservação**. São Paulo, 2006.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.